

SALÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XXIX SIC

UFRGS
PROPESQ



múltipla 
UNIVERSIDADE
inovadora  inspiradora

Evento	Salão UFRGS 2017: SIC - XXIX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2017
Local	Campus do Vale
Título	Discussão sobre a origem e evolução de bolsões pegmatoides em diabásios: estudo da Soleira Vendinha, Montenegro, RS
Autor	FILIPE PADILHA RODRIGUES
Orientador	MARIA DO CARMO PINTO GASTAL

Discussão sobre a origem e evolução de bolsões pegmatóides em diabásios: estudo da Soleira Vendinha, Montenegro, RS.

Rodrigues, F.P¹; Gastal, M.C.¹

¹Instituto de Geociências – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O trabalho em desenvolvimento na soleira de diabásio Vendinha tem como objetivo a quantificação textural voltada à investigação dos processos responsáveis pela formação de bolsões e camadas horizontais de pegmatóides (< 1-2 m de espessura). Atualmente, existem várias teorias acerca do desenvolvimento dessas feições na base de soleiras ou derrames de magmas máficos, como compactação de *mushes* cristalinos ou a migração ascendente dos líquidos residuais devido ao contraste de densidade. A soleira aflora em uma área de 1,2km x 0,5km ocupada pela Pedreira Vila Rica (localidade de Vendinha, Montenegro-RS), onde estão expostos os 50m basais. Está posicionada na interface entre os ritmitos flúvio-lacustres da Formação Rio do Rastro, de idade Permiana Superior, e os arenitos arcoseanos da Formação Piramboia, de idade Triássica Inferior e características fluviais e eólicas. Os primeiros estão expostos na base da pedreira, a sudeste, e os arenitos Piramboia ocorrem ao redor do corpo a sul e a leste. A etapa inicial do trabalho envolveu a caracterização do corpo (tipos de contato, distribuição dos bolsões pegmatóides, variações texturais...); elaboração de croquis realçando a distribuição espacial das principais feições; e a descrição petrográfica detalhada, com obtenção de fotomicrografias das texturas e análises modais de 19 lâminas. São descritas três seções que sintetizam as principais feições geológicas e petrográficas da intrusão: A- o dique alimentador, aflorante ao longo de toda a margem sul da pedreira, com direção N80-90E, caracterizado por disjunções planares densas. Na parte basal, ocorrem injeções de magma projetadas a partir do dique entre os estratos dos ritmitos, sobretudo entre camadas carbonosas e siltosas. O ritmito adjacente a essas injeções se mostra endurecido e com uma zona de interação estreita; B- o centro da pedreira, a norte, onde ocorre a principal exposição vertical da soleira. As disjunções colunares variam de finas e prismáticas na base a grossas e irregulares no topo, onde ocorrem bolsões e camadas pegmatóides; C- a borda lateral do corpo, na frente leste-sudeste da pedreira, caracterizada pelo escalonamento de blocos do arenito sotoposto, e ocorrência localizada de feições erosionais no arenito, de tipo *fingers* e em forma de “U”, causada pelo fluxo do magma sobre o sedimento pouco endurecido. Os padrões de disjunção se tornam irregulares e curvos, indicando variação nas isotermas de resfriamento decorrentes da geometria da intrusão. O diabásio é uma rocha mesocrática fina, consistindo de augita, plagioclásio e óxidos de Fe/Ti com textura intergranular. No dique alimentador (A), o diabásio se mostra afanítico, rico em vidro, e ocasionalmente fanerítico muito fino, com microxenólitos de arenito escassos. Na região central da pedreira (B), a granulação aumenta gradativamente em direção ao centro do corpo. Na base, observa-se a formação de cadeias de grãos de plagioclásio com piroxênio intergranular e, entre estas, bolsões de líquidos residuais pequenos e irregulares, ligeiramente mais grossos, com intercrescimentos microgranofíricos de plagioclásio e quartzo. O diâmetro dos bolsões aumenta e estes se tornam alongados e verticais em direção a centro. Na porção superior da pedreira os líquidos residuais, ao ascenderem, atingem o equilíbrio isostático e se estendem lateralmente, formando camadas pegmatóides com contatos retos ou gradativos. A granulação nessas camadas varia de média a grossa, com grãos esqueléticos e quantidades variadas de mesóstase. Na borda lateral (C), o diabásio se mostra mais fino e com grande quantidade de vidro. Espera-se que a continuidade do trabalho, por meio de técnicas que permitam quantificar o grau de compactação, permita a elaboração de um modelo evolutivo mais detalhado.